



Ronaldo Jacobina
 texto
 ronaldo.jacobina@redebahia.com.br

Museu de dona Lina reabre as portas

Exposição reúne 300 objetos da arquiteta Lina Bo Bardi, idealizadora do Museu de Arte Moderna da Bahia

Fechado desde o começo da pandemia, em março do ano passado, o Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), na Avenida Contorno, planeja reabrir as portas ao público no próximo dia 2 de julho com uma exposição em homenagem a Lina Bo Bardi (1914-1992), idealizadora do espaço e responsável por colocar o histórico conjunto arquitetônico do Solar do Unhão no mapa do mundo.

A mostra, intitulada O Museu de Dona Lina, vai reunir cerca de 300 peças incluindo obras de artistas brasileiros que integram o acervo do museu juntamente com a coleção de arte popular de Lina Bo Bardi, que inclui peças de artesanato, utensílios e outras manifestações da cultura popular, grande parte adquirida no período de 1958 a 1966, quando ela viveu e trabalhou em Salvador, e que se encontrava até recentemente na reserva técnica do Museu Solar Ferrão.

A reabertura do MAM marca a primeira ação do atual diretor Pola Ribeiro, que assumiu o cargo em janeiro último após 13 meses vago, à frente do espaço. "Reabrir o museu, ainda que de forma híbrida, virtual e presencialmente, com visitas agendadas, é um ato simbólico, um ato de saúde, de cura mesmo, nesse momento em que a arte se faz tão necessária na vida das pessoas", diz.

De acordo com o diretor, o martelo ainda não foi batido sobre como o espaço funcionará em tempos de pandemia. "Estamos em discussão sobre o detalhamento destas questões, mas uma das possibilidades é a de que destacaremos apenas os funcionários que já estão vacinados para o atendimento presencial", diz Pola Ribeiro, se incluindo neste contingente.

"Eu e mais uma parte da equipe, formada por funcionários antigos e que trabalham no museu há muitos anos, ficaremos na linha de frente para garantir a segurança de todos. Mas essa data, bem como a forma de funcionamento do espaço, ainda pode ser alterada, vai depender dos rumos da pandemia", explica.

A exposição, que tem curadoria do baiano Daniel Rangel, radicado em São Paulo, terá, além das peças – que ocuparão o casarão principal onde se encontra a famosa escadaria de degraus encaixados criada por Bo Bardi sem uso de pregos ou parafusos, e a capela – outras ações híbridas como o acesso remoto do visitante a gravações,

●● Reabrir o museu, ainda que de forma híbrida, com visitas agendadas, é um ato simbólico, um ato de saúde, nesse momento em que a arte se faz tão necessária na vida das pessoas Pola Ribeiro diretor do MAM-BA

●● A ideia é, de certa forma, tentar realizar um sonho antigo de Lina, que era unir arte moderna, contemporânea e popular promovendo esse diálogo Daniel Rangel curador da exposição O Museu de Dona Lina



BOB WOLFESON / ACERVO MAM / DIVULGAÇÃO



1 **Entrada** que dá para o casarão principal do MAM-BA, onde será instalada parte da expo sobre a arquiteta
 2 **Retrato** de Lina feito por Bob Wolfenson foi doado ao MAM pelo fotógrafo
 3 **Latarias** que fazem as vezes de candeieiros, que são exemplos de arte popular
 4 **Ex-votos** do acervo de Lina Bo Bardi serão expostos na Capela
 5 **Carrancas** que guardam as viagens pelo Velho Chico

vídeos, documentos e depoimentos que serão disponibilizadas no site do museu.

"A proposta é promover interatividade e permitir que o público possa acessar não só a exposição como outras atividades que vêm sendo desenvolvidas no espaço como as oficinas de gravuras e pinturas

que estão sendo ministradas pelos artistas Ieda Oliveira e Valoisio Bezerra", conta o curador.

A ideia, segundo Rangel, é "de certa forma, tentar realizar um sonho antigo de Lina, que era unir arte moderna, contemporânea e popular promovendo esse diálogo e fazendo uma interlocução com a raiz da regionalidade, através de elementos modernistas como cores, formas e conteúdo que são a raiz do modernismo".

Além das obras do acervo do MAM – que in-



NARA GENTIL

montagem, a mostra, segundo o curador, antecipa as comemorações do centenário da Semana de Arte Moderna, que será comemorado em 2022.

Seguindo a lógica de Lina, que defendia que a produção de arte popular ocupasse um lugar tão importante quanto o da erudita, o curador trabalhou com a ideia de unir, de forma harmoniosa, o verdadeiro simbolismo modernista incorporando elementos das diversas culturas brasileiras.

Assim, os ex-votos de Mário Cravo, de propriedade do museu, ficarão expostos ao lado de peças de 'divindades' do acervo popular da arquitetura na capela do Solar do Unhão, espaço que será dedicado à religiosidade.

"Unir esses universos, aparentemente distintos, a academia e o popular, fará com que o visitante perceba essa interlocução", explica o curador, citando como exemplo desse diálogo, a disposição da tela O Touro, de Tarsila do Amaral, ao lado dos tourinhos de cerâmica do acervo de arte popular da arquitetura, ou dos trajes dos vaqueiros ao lado de obras de Carybé.

Entusiasmado com o projeto, o curador, que afirma que além da exposição vai desenvolver outros trabalhos para o museu, aposta em reconectar o MAM-BA ao legado de Lina Bo Bardi.

RESTAURANTE E PIER

Após a reabertura do museu, o próximo passo será a volta do restaurante do Solar do Unhão e entrega do pier e atracadouro, que passaram por obras a um custo de mais de R\$ 3,8 milhões com recursos do Prodetur.

De acordo com o diretor do MAM Pola Ribeiro, as obras devem ser concluídas nos próximos 10 dias, quando será aberta a licitação para exploração do espaço pela iniciativa privada.

Além dos salões, o novo restaurante vai ocupar parte do pier com mesas e cadeiras sobre o mar. Para o próximo ano, quando será comemorado o centenário de Rubem Valentim, será a vez da reabertura da sala dedicada ao artista, bem como a revitalização do Parque das Esculturas, que está atualmente fechado.

"Estamos estudando a intervenção em parceria com a Universidade Federal da Bahia, e a ideia é que no próximo ano tenhamos o espaço revitalizado e reaberto à visitação", diz.

Outra solução que está sendo estudada, segundo o diretor, é o acesso e uso da Praia do MAM, atualmente fechada para acesso de visitantes pela área do museu.

"Temos conversado com a comunidade para controlar o acesso que, no momento, tem acontecido apenas pelo mar, através de barquinho, quando a prefeitura autoriza a reabertura das praias", conclui Pola.



ACERVO MAM/DIVULGAÇÃO



ACERVO MAM/DIVULGAÇÃO

clui peças de artistas como Cândido Portinari, Tarsila do Amaral, Carybé, João Farkas, José Pancetti, Marepe, Mário Cravo, Calasans Neto, dentre outros - a exposição O Museu de Dona Lina contará ainda com novas peças doadas por artistas brasileiros.

Nos últimos dias, o MAM

recebeu doações de peças de artistas como Maxim Malhado (BA), Ieda Oliveira (BA) e Afonso Tostes (MG), além de uma fotografia de Lina Bo Bardi de autoria do fotógrafo Bob Wolfenson (SP), que passarão a integrar o acervo permanente do museu.

Ainda em fase inicial de

CRÔNICAS POR KATIA BORGES



katiamacc@ gmail.com

Para deter o fluxo selvagem da vida

HÁ UM TRECHO NESSE LIVRO QUE ME LEVOU A ESCREVER ESTA CRÔNICA. NELE, O AUTOR AFIRMA QUE É O MEDO QUE NOS LEVA A ASSISTIR TODOS OS DIAS O NOTICÁRIO

Sempre que pensamos no presente alguém recorda que no passado imaginávamos nossas vidas sem a perspectiva de um futuro sombrio. Era até divertido chamar pela vinda de um meteoro com o ímpeto corajoso de um dinossauro. Louco para ser extinto. Aprendemos na escola que, ao entrar em contato com a atmosfera, asteroides costumam se dividir em fragmentos luminosos e cair do céu sem estardalhaço.

Só uma bagunça no Universo nos colocaria em rota de colisão com Ceres, Palas ou Vesta. Já aconteceu antes. Pestes tão devastadoras quanto a que flagela nosso planeta idem. Meses antes do início da pandemia em Wuhan, cientistas arriscaram a reconstrução do dia do impacto do Meteoro de Chicxulub, há mais de 66 milhões de anos, analisando uma rocha de 130 metros, retirada do local da queda, no Golfo do México.

Especialistas contam que o planeta teria ficado por quase dois anos em escuridão completa, por conta da fumaça de incêndios recorrentes que obnubilaram (sempre quis usar essa palavra) o Sol. Brincávamos de pique-esconde com a indesejada das gentes, em bravatas sobre o fim do mundo, porque o rumo de nossas vidas parecia bem traçado naquela época. De acordo com o cálculo das probabilidades, uma pilhéria.

Com a devida licença poética, Manuel Bandeira, o máximo que poderia acontecer seria topar com um amor imprevisto aos 70 ou com uma trupe de pinguins perdida nas praias da Bahia. A doença e a morte eram certezas das quais fugíamos, forjando pequenas alegrias cotidianas. Do futuro, cuidavam a cartomancia, o I Ching e os búzios. Vivíamos entregues à batuta do acaso, esse maestro de vastos recursos técnicos.

Na orquestra do acaso, nós éramos os músicos e pouco arriscávamos no improviso. Seguros de que as oportunidades se sucederiam, seguíamos sempre a mesma partitura histórica, certos de que aquela era a única música possível. Nós, os sonsos essenciais, como bem descreve Clarice Lispector em Mineirinho. Nunca ousávamos desafinar o coro dos conteúdos, porque o coro dos contentes era o nosso.

Ando lendo um livro chamado Notícias: Manual do Usuário, escrito por Alain de Botton. Trata-se de autor suíço, radicado em Londres, celebrado por popularizar a filosofia em títulos que beiram a autoajuda, do tipo Como Pensar Mais Sobre Sexo. Há um trecho nesse livro que ando lendo que me levou a escrever esta crônica. Nele, o autor afirma que é o medo que nos leva a assistir todos os dias o noticiário.

Nosso pai e nosso companheiro, como canta Drummond em seu "congresso". O medo de que um imprevisto nos alcance, seja um desastre aéreo ou a disseminação de um vírus. Para deter o fluxo selvagem da vida, estabelecemos ciclos e monitoramos até mesmo o desejo das pessoas. Também por medo é que esperamos um meteoro gigante que nos devolva alguma possibilidade de controle sobre o imprevisto.

KÁTIA BORGES É ESCRITORA E JORNALISTA